

Povo da Beira

14-11-2018

Periodicidade: Semanal

Classe: Informação Geral

Âmbito: Regional

Tiragem: 10000

Temática: Diversos

Dimensão: 416 cm²

Imagem: S/Cor

Página (s): 2



Editorial

O Acordo Impensável

Diretor **João Tavares**

Depois de um fim de semana de chuva, voltou o bom tempo. Faz-se um intervalo neste outono pouco chuvoso, esperando que não surjam mais tempestades.

Porque tempestades noticiosas existem muitas. No desporto e não só. Mais uma condenação para Oliveira e Costa e o seu BPN. Dá jeito, primeiro pela idade e depois pelo silêncio. Duarte Lima perdeu mais um recurso, e não fala. Também o que poderia dizer. As evidências falam por si. Sócrates e os amigos também não se ouvem. Principalmente Sócrates parece ter aprendido que o silêncio vale ouro. Esperemos é que o juiz seja suficientemente isento para julgar os factos e não o que os indiciados presumem. Ainda não ouvimos a nova PGR, mas os processos parece não terem parado. O que por si, não será mau sinal. A Justiça quer-se célere, mas bem fundamentada. Não basta condenar os pobres de espírito, tem de se acabar com este estado de corrupção a que se chegou.

O Orçamento ainda não está fechado, mas sabe-se que as empresas pouco foram beneficiadas com ele. O emprego não para de subir, só se esquecem que a precaridade se mantém, além dos ordenados baixos para os mais classificados. O PSD diz juntar-se à esquerda para chumbar algumas medidas, entre as quais o velho problema da regulariza-

ção do tempo de serviço dos professores. Sabemos que se lá estivessem estariam de acordo com o PS, mas como são oposição batem o pé. E bem, porque aos professores não podem ser escamoteados vários anos de serviço. Quanto às reformas continua a guerra com os quarenta anos de descontos. Se o ministro diz que alterarem o inserto no Orçamento custa muito dinheiro, acabam por se esquecer da rentabilidade que os ditos funcionários podem dar após tantos anos de serviço. São todos uns teóricos, que lidam com régua e esquadro, para fazerem contas ao dinheiro. As opções políticas são bem relativas, pois como diz o BE, o PS quando funciona sozinho é igual ao dito governo anterior.

Sabemos que são opiniões, e estas não abrem precedentes. No entanto estamos de acordo num ponto: todos somos inocentes até prova em contrário. Que os mais novos assumem com absoluta certeza, quando já vivemos outros tempos. Quando se era preso, o próprio tinha de justificar-se como inocente, caso contrário seria condenado. Efeito da democracia. Não parece que ela exista quando se justificam atos, como os das presenças no Plenário da Assembleia, por puro desconhecimento da matéria em causa. Ou será que estamos a ser dirigidos por burros.